

## O estatuto do sujeito falante na construção da epistemologia saussuriana The Status of the Speaker in the Construction of Saussurean Epistemology

Karen Alves da Silva\*

Universidade Estadual de Campinas

---

### Abstract

On the occasion of his first lecture at Geneva University (1891), Saussure wondered if there was interference of the will in linguistic facts, and he described linguistic acts as '~~le plus~~ le moins réfléchi, le moins prémédité, ~~le plus machinal, en même temps que le~~ en même temps que le plus impersonnel de tous' (Saussure, 1891a, p. 18). Saussure's interpretation involves different levels of (un)conscious will. This paper puts forward the hypothesis of a tension between the notion of *sujet parlant*, developed for the needs of an *ordre propre de la langue*, and another concept to account for the speaker's psychological activity. This hypothesis will be analysed in the light of Saussurean concepts and texts, as well as of recent developments in the literature.

**Key words:** Ferdinand de Saussure, speaker [*sujet parlant*], linguistic fact.

### Resumo

Por ocasião da primeira Conferência na Universidade de Genebra (1891), Saussure questiona a interferência da vontade quanto ao fato linguístico e destaca o ato linguístico como "~~le plus~~ le moins réfléchi, le moins prémédité, ~~le plus machinal, en même temps que le~~ en même temps que le plus impersonnel de tous" (Saussure 1891a: 18). A interpretação proposta por Saussure diz respeito à ideia de diferentes níveis de (in)consciência. Nossa hipótese é que existe – tanto nesse texto como em outros manuscritos – uma tensão entre uma noção de sujeito falante construída para satisfazer a ordem própria da língua e outra que dê conta da atividade psicológica do sujeito falante. Nossa intenção é investigar essa hipótese, pertencente à nossa tese de doutorado, à luz dos conceitos e manuscritos saussurianos, e outras recentes bibliografias relevantes.

**Palavras-chave:** Ferdinand de Saussure, sujeito falante [*sujet parlant*], fato linguístico.

---

### 1. Considerações iniciais<sup>1</sup>

Com o surgimento do *Cours de Linguistique Générale* (1916),<sup>2</sup> muito se discutiu a respeito dos ensinamentos de Saussure. Os princípios saussurianos repercutiram nos trabalhos da época, bem como muitos estudiosos se dedicaram à análise tanto do CLG quanto das notas manuscritas de Saussure e de seus alunos.

Entretanto, com o passar das décadas, sobrelevaram-se as críticas aos ensinamentos de Saussure e as inovações do genebrino encontraram seu declínio: "Even in the sixties, however, there appears an alienation, perhaps as a legitimate reaction to the overemphasis on Saussurian accuracy and originality, with the tendency now to consider Saussure's influence on linguistics as fully assimilated or effectively surpassed" (Engler 1975: 833). Contudo, ainda nos anos sessenta, como assinala Engler (*op.cit.*: 834), surgiu outro movimento cujo intuito era "the revival of the textual basis of all research on Saussure and the acquisition of a new critical instrumentalism". Nesse período, as pesquisas sobre as fontes saussurianas

---

\* Correspondência com a autora: karenals@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

<sup>2</sup> Doravante CLG ou Curso.

revigoraram especialmente em virtude do trabalho de Godel ([1957] 1969), e das edições críticas do *Curso de Linguística Geral* feitas por Tullio de Mauro ([1967] 1972) e Engler ([1968; 1974] 1989; 1990)<sup>3</sup> e essas pesquisas não deixaram de continuar frutíferas ao longo de toda a segunda metade do século XX..

Se é verdade que as pesquisas sobre a obra do genebrino nunca pararam, com o surgimento de novos manuscritos saussurianos em 1996,<sup>4</sup> o interesse no que concerne às fontes manuscritas de Saussure novamente se revitalizou. Atualmente, encontramos trabalhos sobre os novos textos saussurianos, mas também sobre a recepção contemporânea desse material; há inclusive reflexões sobre a necessidade de se organizar uma edição crítica dos manuscritos de Saussure.<sup>5</sup>

Todavia, existem questões sobre a obra de Saussure, enfatizadas no período de crise do estruturalismo, que merecem especial atenção. No que concerne especificamente à noção de sujeito falante, certas vertentes imputaram ao genebrino a exclusão dessa noção de sua epistemologia:<sup>6</sup> “a crítica ao Estruturalismo – e, conseqüentemente, ao seu fundador Saussure, conhecido através do CLG – incidiu sobre as chamadas exclusões saussureanas. A saber: a exclusão do referente, da história e do sujeito falante” (Silveira 2003: 22).

Entretanto, como pontua Parret (2003), seria mesmo possível insinuar, simplesmente, que a obra saussuriana determinou “a morte do sujeito falante”?<sup>7</sup> Entendemos que a noção de sujeito falante, que comparece na obra saussuriana, é uma problemática fundamental a se perscrutar, não só pelas implicações teóricas que traz para a compreensão da obra de Saussure, mas também por apontar questões caras para a Linguística, haja vista que a Ciência da Linguagem sempre está às voltas com indagações sobre a atividade do sujeito falante e sobre a sua relação com a língua e com a linguagem.

## 2. Em busca da noção de sujeito falante: entre fatos e atos linguísticos

O recém-admitido professor da Universidade de Genebra, Ferdinand de Saussure, em 6 de novembro de 1891, ministrou a aula inaugural do seu curso de *Phonétique du grec et du latin*.<sup>8</sup> Nesta ocasião, ao longo de sua argumentação, teceu uma breve mas complexa consideração sobre o ato e sobre o linguístico:

<sup>3</sup> A edição crítica do *Curso*, feita por Rudolf Engler, trata-se da reprodução do texto do *Curso de Linguística Geral* e, a cada trecho do texto do CLG, à direita, encontram-se as respectivas anotações dos alunos de Saussure, alunos esses que assistiram às aulas do genebrino ministradas na Universidade de Genebra (primeiro curso de linguística geral [1907], segundo curso de linguística geral [1908-1909] e terceiro curso de linguística geral [1910-1911]). No presente trabalho, quando se trata de uma nota manuscrita de aluno ou de Saussure, indicamos quem fez a anotação.

<sup>4</sup> Trata-se de um “conjunto de manuscritos descobertos em 1996 na estufa do hotel da família Saussure, depositados na Biblioteca pública e universitária de Genebra” (Bouquet e Engler, no prefácio à edição brasileira dos *Escritos de Linguística Geral*, 2004; itálico dos editores).

<sup>5</sup> Marchese (2009) tece observações sobre critérios a serem adotados em uma eventual edição dos manuscritos de Ferdinand de Saussure. Neste texto, a autora aponta para as dificuldades de tal edição.

<sup>6</sup> Arrivé (2010: 116; itálicos do autor), ao tratar dos equívocos que envolvem a leitura e a interpretação da obra de Saussure, sinaliza que um desses equívocos diz respeito à exclusão da fala e do sujeito falante, a saber: “Esse primeiro rumor sustenta que Saussure elimina de seu projeto teórico toda consideração da atividade do sujeito falante e, necessariamente, toda atenção ao produto dessa atividade, seja qual for o seu nome, *fala*, *discurso*, ou qualquer outro que lhe seja dado”.

<sup>7</sup> “Il y a eu une tendance dans les années cinquante et soixante de pétrifier la pensée du langage chez Saussure. On soutenait ainsi que Saussure avait proclamé, comme les autres grands ténors structuralistes, la ‘mort du sujet’” (Parret 2003: 62).

<sup>8</sup> Para mais informações, ver Chidichimo (2009a, 2009b).

Les faits linguistiques peuvent-ils passer pour être le résultat d'actes ~~volon-volontaires?~~ de notre volonté? Telle est donc la question. La science du langage, actuelle, y répond *affirmativit* [affirmativement]. Seulement il faut ajouter aussitôt <qu'il y a *bep* [beaucoup] de degrés connus dans la volonté consciente ou *inconscis* [inconsciente]>;<sup>9</sup> ~~que~~ or de tous les actes qu'on pourrait mettre en parallèle, l'acte linguistique, si je puis le *nóms* [nommer] ainsi, <a ce caractère d'être> ~~le plus~~ le moins réfléchi, le moins prémédité, ~~le plus machinal, en même temps que le~~ en même temps que le plus impersonnel de tous. Il y a là une différence de degré, qui va si loin qu'elle a longtemps *doné* [donné] l'illusion *d'I* [d'une] différence essentielle, mais qui n'est en réalité qu'I [une] *diff.* [différence] de degrés (Saussure 1891a: 18).

A questão levantada por Saussure coloca duplamente em cena a figura de um sujeito falante: por sinalizar a presença de sujeitos que, de alguma forma, estão em contato com os fatos linguísticos e por interrogar a interferência da vontade desses sujeitos no tocante a esses fatos. Nesse contexto, há um caminho delicado a percorrer, à luz da epistemologia saussuriana, para verificar a questão da interferência da vontade do sujeito falante na sua relação com a língua. De um lado, é preciso considerar o fato linguístico como acontecimento de língua. A epistemologia saussuriana, contida no CLG, consagrou a língua<sup>10</sup> como sistema semiológico, de natureza social e psíquica,<sup>11</sup> que repousa nos sujeitos falantes e “qui ne connaît que son ordre propre” (Saussure [1968] 1989: 64). O fato linguístico nada mais é, na perspectiva saussuriana, do que a união entre um significado e um significante,<sup>12</sup> cuja unidade resultante está inserida no sistema linguístico. Essa é a lição de Engler (1975: 853): “the process of the association, but the unit, the fact resulting from this union, is the linguistic fact”. Por comporem o sistema de língua, os fatos linguísticos estão submetidos à ordem própria da língua (à estrutura interna do sistema). Por outro lado, dentre os estudiosos da época de Saussure, o ato linguístico comumente era ligado à interferência volitiva do falante, portanto, pertencente ao âmbito psicológico. Como observa Marrone (2002: 237), “Le monde scientifique de l'époque de Saussure mettait l'acte linguistique au rang des actes de volition”.

À luz dessas considerações sobre os fatos e os atos linguísticos, retomemos o texto da *Première Conférence à l'Université de Genève* (1891). Nesta ocasião, o genebrino não descarta amplamente a hipóteses de que os fatos linguísticos estejam ligados à vontade do sujeito falante, ao problematizar que existem diferentes graus de consciência. Em outros

<sup>9</sup> Os colchetes foram por nós utilizados para indicar as correções ou acréscimos, feitos por Saussure, às margens do texto original, acima ou abaixo do nível da linha.

<sup>10</sup> “La nouveauté saussurienne consiste moins dans la définition de la langue comme institution que dans sa détermination comme «système formel», jeu de valeurs arbitraires, système sémiologique: autant de caractérisations qui concernent, d'un même mouvement, le mécanisme de la langue et le lien social primordial. La langue est donc «sociale» deux fois (qui n'en font qu'une): elle est sociale parce que le principe qui la régit (l'arbitraire) la fait échapper à toute maîtrise rationnelle, individuelle ou collective; elle est sociale également parce qu'elle est un héritage, une tradition, bref, une temporalité fondatrice d'un ordre de faits spécifiques, les faits sémiologiques, et fondatrice de l'arbitraire lui-même” (Puech e Radzynski 1988: 81).

<sup>11</sup> Como anota Dégallier, aluno de Saussure durante o terceiro curso de linguística geral de Saussure [1910-1911]: “*Langue objet de nature concrète*, ce qui **est grand avantage**. Ces signes ne sont *pas des abstractions*, bien que purement spirituels: **l'ensemble des associations ratifiées** qui constituent **la langue** a son **siège dans le cerveau; réalité psychique**” (Saussure [1968] 1989: 44; destaques do autor).

Já Mme. A Secheyne anota, também durante o terceiro curso:

“Première étude (partie de phonation): **parole**.

Deuxième étude: **langue**.

La première étude **est psychophysique**;

la seconde **uniquement psychique**” (*op.cit.*: 56; destaques do texto).

<sup>12</sup> Como anota Ferdinand de Saussure ([1974] 1990: 36): “Pour qu'il y ait fait linguistique, il faut l'union de deux séries mais une union d'un genre particulier, – dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, ou dire d'avance ce qu'elle sera”.

momentos da trajetória do pensamento saussuriano, especialmente na década de 1890, mantém-se essa mesma linha de raciocínio: o sujeito falante é aquele que está envolvido no reconhecimento do que é linguístico e que, de alguma forma e em certos graus, tem alguma consciência das relações linguísticas – é um ‘saber da língua’ em funcionamento no falante. As observações de Saussure no manuscrito *De l'essence double du langage*,<sup>13</sup> escrito que remonta provavelmente ao ano de 1891, caminham nesse sentido:

Parce qu'à chaque moment de son existence il n'EXISTE <linguistique [linguistiquement]> que ce qui est aperçu par la conscience, <c.à.d. [c'est-à-dire] ce qui est ou devient signe> (Saussure 1891b: 69, destaque do autor).

~~L'express~~ La 1<sup>e</sup> [première] expression de la réalité serait de dire que la langue (c.à.d. [c'est-à-dire] le sujet parlant) n'aperçoit ni l'idée a, ni la forme A, mais seulement le rapport a/A ; [...]  
(Saussure 1891b: 55, grifo do autor).

Ainda no texto *da Première Conférence*, Saussure continua a sua argumentação de modo a caracterizar o ato linguístico como “le plus le moins réfléchi, le moins prémédité, le plus machinal, en même temps que le en même temps que le plus impersonnel de tous” (Saussure 1891a: 18). Se o ato linguístico, de acordo com a tradição dos contemporâneos do genebrino, estaria comumente marcado pela atividade voluntária do sujeito falante, como entender a afirmação de Saussure sobre a irreflexão, não premeditação e impessoalidade do ato linguístico? Segundo Parret (1995-1996: 110), “Toutefois, la pensée de Saussure, en ce qui concerne la modalisation de l'acte linguistique, est d'une complexité effrayante”, e um dos caminhos para iluminar a resposta dada por Saussure é retomar o parágrafo anterior do texto da *Première Conférence*. Nesse excerto, ao questionar se a Linguística é uma ciência histórica, o genebrino afirma:

[...] c'est que l'objet qui fait la matière de l'histoire <p. ex. [par exemple] l'art, la religion, le costume, etc.> représente, dans un sens quelconque, des actes humains, régis par la volonté et l'intelligence humaine, – et qui d'ailleurs doivent être tels qu'ils <n'>intéressent pas seulement l'individu mais ~~une~~ la collectivité (Saussure 1891a: 18; sublinhado do autor).

Nesse excerto, Saussure aponta para a vontade e a inteligência necessárias aos atos humanos pertencentes à matéria da história e, na sequência, introduz sua questão sobre os fatos linguísticos e posteriores observações sobre o ato linguístico. Pela interpretação dessa passagem, observamos que Saussure procurava separar a língua das demais matérias da história. Em contraste com os demais atos humanos, no universo dos fatos linguísticos, a vontade e a inteligência humanas se configuram de forma diferenciada: se na matéria histórica podemos ter atos humanos caracterizados pela atividade consciente do sujeito, no âmbito da língua, o sujeito falante não tem o controle do sistema linguístico e, por consequência, a vontade e a inteligência do sujeito jamais são plenas, pelo contrário.

Ao questionar a participação da vontade do sujeito falante no fato linguístico e dizer que o ato linguístico é menos refletido, menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal, Saussure aponta para a autonomia do sistema de língua em seu funcionamento; nesse

<sup>13</sup> Os trechos dos manuscritos *De l'essence double du langage*, utilizados neste trabalho, pertencem às cópias adquiridas pela Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, em outubro de 2012, da Biblioteca Pública de Genebra. Esclarece Silveira (2011: 3) que “em 1996, chegam à Biblioteca de Genebra (BGE) outras centenas de folhas manuscritas por Saussure, entre as quais estavam as 274 folhas que foram agrupadas, paginadas e nomeadas *L'essence double du langage*”. Como acrescenta Silveira, provavelmente o manuscrito de *L'essence double du langage* foi redigido por Saussure em 1891.

contexto, mesmo concernentes à fala, os atos do sujeito falante não são livres, mas submetidos à ordem própria da língua.

Aqui encontramos um deslocamento de Saussure com relação à tradição, pois o ato linguístico seria o mais impessoal de todos os atos porque a língua restringe, em sua esfera, interferências volitivas do sujeito falante. Nesse contexto, o sujeito saussuriano emerge enquanto aquele que executa a língua, mas tem a sua atividade de falante limitada pelo funcionamento interno do sistema linguístico. Assim, o ato linguístico não se reduziria aos demais atos humanos porque está submetido a possibilidades e impossibilidades do sistema.

Entretanto, por mais que o sujeito falante não tenha controle sobre o sistema e esteja submetido à força da língua, ele não está alienado ou é apenas um fantoche da língua. Como nos alertam os textos saussurianos de 1891, num dado recorte sincrônico, o sujeito falante saussuriano está em contato com a língua, numa relação marcada por diferentes graus de consciência. A epistemologia saussuriana, em diferentes momentos, atesta a posição de um sujeito falante que percebe o universo linguístico, mesmo que individualmente não possa modificá-lo, como anota Riedlinger durante o segundo curso de linguística geral (1908-1909): “(= langue considérée dans l’individu; n’est qu’une puissance, faculté, l’organisation prête pour parler; mais l’individu laissé à lui-même n’arrivera jamais à la langue)” (Saussure [1968] 1989: 31).

É preciso considerar, nesse contexto, que nem o sujeito falante individualmente nem a própria massa possuem força suficiente para alterar conscientemente a evolução da língua; como observa Engler (1975: 854), na concepção saussuriana, “each member of the community is concerned in language and participates in it without having collectively or individually any grip to affect the evolution consciously”.

A despeito da (im)possibilidade de o sujeito falante modificar a língua, é preciso reconhecer a sua atividade mais evidente, a execução da fala. Na epistemologia saussuriana, a caracterização da atividade do sujeito falante se mantém intrinsecamente ligada ao universo da *parole*, âmbito em que a interferência psicológica do sujeito é mais elevada. Em uma nota manuscrita referente ao segundo curso de linguística geral, ministrado por Saussure entre os anos de 1908-1909, o genebrino ressalta que pertence ao sujeito falante (ou à Fala) a fonação, a combinação e a Vontade:

La langue est consacrée socialement et ne dépend pas de l’individu. Est de l’Individu, ou de la Parole: a) Tout ce qui est Phonation b) tout ce qui est combinaison – Tout ce qui est Volonté – Dualité :

Parole/Langue

volonté individuelle/passivité sociale

Ici pour la 1<sup>e</sup> [première] fois question de 2 [deux] Linguistiques (Saussure 1908-1909?: 2).

A formulação saussuriana abrange o universo da vontade. Sobre essa questão, Parret (1995-1996: 109) constata que “en ce qui concerne la Volonté, le *Cours* et les *Sources manuscrites* ne laissent aucun doute: la volonté est individuelle, elle ne traverse que la parole”. Nesse diapasão, encontramos uma nota manuscrita de Saussure em que o genebrino discute a questão da voluntariedade, mas a liga ao “jogo dos órgãos”, ou seja, ao âmbito fisiológico da fala; como anota Saussure:

14<sup>o</sup> Mais il y a en apparence un obstacle à la séparation: c’est que la langue comporte un côté volontaire, et non passif, par lequel nous faisons jouer nos organes <à tout moment en vue de la langue>. Autant que nous entendons, nous *parlons*. Oui, <Messieurs, sans doute,> mais jamais autrement que d’après l’impression acoustique <non seulement reçue, mais> reçue <dans notre esprit et qui est souveraine seule pour décider de ce que nous exécutons.> C’est

elle qui dirige tout, <c'est elle qu'il suffit de considérer pour savoir qu'elle sera exécutée, mais je le répète qu'il est nécessaire pour qu'il y ait même une unité déterminée à exécuter>. (Bien entendu cela <correspond au fait> avant tout social de la langue.) (Saussure [1974] 1990: 31; itálico do autor).

Entretanto, se a vontade psicológica do sujeito falante estaria ligada à esfera individual, não ultrapassaria o campo da fala e estaria ligada à execução da fala, não se deve perder que vista que o fato linguístico está imbricado nesse contexto: a fala demanda a existência de fatos linguísticos. Como ressalta Saussure, na nota supracitada, é necessário que “haja aí uma determinada entidade a executar”, ou seja, que haja língua em funcionamento – lembremos da argumentação de Saussure na *Première Conférence*: para pensar o ato linguístico, primeiro ele questionou se os fatos linguísticos são resultados da nossa vontade. Sobre esse contexto, Parret (2011) observa:

Il [Saussure] se demande depuis la Leçon inaugurale de Genève si « les faits linguistiques peuvent passer pour être le résultat d'actes de notre volonté ». Johannes Fehr a bien vu que, chez Saussure, la présupposition la plus constante est celle d'un ancrage de la langue dans le sujet parlant en ce que le « fait linguistique » doit être essentiellement vu comme un phénomène inconscient, au moins subliminal (Parret 2011: 8-9).

Alinhamo-nos a essa posição a de Fehr (*apud* Parret 2011) para quem o fato linguístico é inconsciente. Enquanto resultado da união arbitrária de significado e significante, ocorrida no bojo do sistema psíquico da língua, o fato linguístico não sofre interferências externas para ser constituído. A respeito da questão da inconsciência, é importante aqui atentar, ademais, para a diferenciação entre o aspecto psíquico e o psicológico a ser observada nos textos saussurianos, haja vista que essa distinção nos auxilia a pensar sobre os contornos do fato linguístico e sobre a atividade do sujeito falante. A epistemologia saussuriana é contundente em caracterizar a língua como psíquica. Em vários textos de Saussure e de seus alunos, encontramos menção às relações psíquicas da língua e à natureza psíquica do signo. O termo *psíquico*, portanto, é comumente utilizado para se reportar à língua e às suas relações, numa dimensão inconsciente:

Il y a un premier domaine, <l'intérieur>, psychique, où existe le signe autant que la signification, l'un indissoluble [indissolublement] lié à l'autre [...] (Saussure 1891b: 11).

Por um lado, René Amacker (1994: 4), ao tratar sobre as relações entre a teoria linguística de Saussure e a Psicologia, observa que na teorização saussuriana: “il est vrai que Saussure emploie plutôt l'adjectif ‘psychique’ pour rapporter aux facultés qui sont biologiquement déterminées”. Com efeito, o campo ‘psíquico’ reportar-se-ia à faculdade da linguagem, a qual se faz presente em cada um dos falantes, em especial, à língua, que é o sistema que repousa no espírito/consciência do(s) sujeito(s) falante(s). Por outro lado, o termo “psicológico” parece ter uma maior abrangência, com especial destaque ao universo mental do sujeito falante, como destaca Amacker (*op.cit.*, 4): “L'aspect mental: est dit ‘psychologique’ (CLG/E<sup>14</sup> 1660) ce qui relève des facultés de l'esprit et de la conscience”. Nas palavras de Saussure:

*Item.* S'il est une vérité a priori, et ne demandant rien d'autre que le bon sens pour s'établir, c'est que s'il y a des réalités psychologiques, et s'il y a des réalités phonologiques, aucune des deux séries séparées ne serait capable de donner une instante naissance au moindre fait linguistique. – Pourqu'il y ait fait linguistique, il faut l'union des deux séries, mais une union

<sup>14</sup> Trata-se da Edição Crítica do Curso feita por Engler (Saussure [1968] 1989).

d'un genre particulier, – dont il serait absolument vain de vouloir explorer en un seul instant les caractères, ou dire d'avance ce qu'elle sera (Saussure [1974] 1990: 36; itálico do autor).

Nessa discussão sobre a utilização do termo 'psicológico', é preciso considerar uma anotação de Constantin durante o terceiro curso de linguística geral (1910-1911):

La linguistique statique s'occupera de rapports logiques et psychologiques <entre termes> coexistants <tels qu'ils sont> aperçus par la même conscience collective (dont du reste une conscience individuelle peut donner l'image – chacun de nous a en soi la langue –) et formant un système (Saussure [1910-1911] 1993: 120).

Nesse excerto, emerge a problemática concernente tanto às ligações entre os termos quanto à passagem do eixo associativo para o sintagmático. Como nos aponta Saussure, no campo associativo, o liame entre as unidades é de natureza psicológica, mas aqui 'psicológico', como disse Amacker (*op.cit.*, 4), está ligado ao “aspecto mental” ou, mais precisamente, ao espírito. Nesse sentido a anotação de Dégallier durante o terceiro curso: “Example: le mot *enseignement*. Ce mot appellera d'une façon inconsciente pour l'**esprit** idée d'une foule d'autres mots qui, par un coté ou par l'autre, ont quelque chose de commun avec lui” (Saussure [1968] 1989: 287; destaques do autor).

Resta, contudo, a questão: dentre unidades existentes numa certa relação associativa, como se dá a escolha de uma unidade para figurar na combinação gramatical (sintagma)? Se, por um lado, é pacífico, na epistemologia saussuriana, que as unidades são combinadas à luz das limitações sintáticas da língua, por outro, quando em questão a escolha da unidade a figurar na cadeia, não haveria o componente psicológico, ligado ao aspecto volitivo, a permear o funcionamento da língua? Pela leitura das notas dos alunos de Saussure, a resposta é negativa, pois a ligação entre as palavras é inconsciente: “d'une façon inconsciente” (Dégallier e Constantin) e “inconsciemment” (Gautier) (*cf.* Saussure [1968] 1989: 287). Mesmo se a resposta fosse positiva, não seria possível perder de vista que, na perspectiva saussuriana, a vontade e os seus efeitos são contidos pela ordem própria da língua.

Configura-se, portanto, uma tensão entre a ordem língua e a vontade individual do sujeito falante (*cf.* Parret 1995-1996). Sobreleva-se aqui a questão sintagmática, haja vista que o sintagma é originado na língua, pois ele é fruto das combinações das unidades, mas, ao mesmo tempo, é amplamente utilizado pelo sujeito falante para se expressar. Logo, surge uma dificuldade: o sintagma é da ordem da língua ou da fala? Sobre essa problemática, durante o terceiro curso (1910-1911), Dégallier anota:

Les syntagmes ont pour **type** principal la phrase. Toute **phrase** est un **syntagme**. Or la phrase **appartient à la parole**, pas **à la langue**. Alors, est-ce que le **syntagme** n'appartient pas exclusivement à la phrase et ne confondons-nous pas les deux ordres? C'est en effet ici qu'il y a quelque chose de délicat dans la frontière des deux domaines. [...] (Saussure [1968] 1989: 283-284; destaques do autor).

Estamos diante não só da dificuldade de delimitar as fronteiras entre língua e fala, mas também de estabelecer os graus de interferência psicológica do sujeito falante nesse cenário. No limite, vemos o campo da língua permear o da fala pelo sintagma e, novamente, reparece a questão dos graus de consciência: a atividade do sujeito falante transpassaria a esfera da fala, pois necessita da língua para se constituir, mas, ao mesmo tempo, estaria contida pela língua. A vontade do sujeito, portanto, está ligada à “l'idée de la Volonté *indirectement volontaire*” (Parret 1995-1996: 111; itálicos do autor), ou seja, à ideia de uma vontade limitada ou mesmo interdita pela ordem própria da língua.

Les manuscrits de Harvard nous offrent une série de fragments, d'un mystérieux quasi hermétique, sur l'Intension et la Volonté. La motivation profonde de Saussure dans ces textes est de 'conceptualiser' cette Volonté du Tiers, dans sa tension essentielle avec la volonté psychologique et individuelle. Et cette Volonté marquant modalement le Tiers est en fait une aporie: c'est une volonté qui n'est qu'*indirectement volontaire* (Parret 1995-1996: 111; itálico do autor).

É preciso considerar que, do ponto de vista cronológico, na epistemologia saussuriana, a ideia de individualidade do sujeito falante vai se diluindo à proporção que se sobrepõe a ideia de coletividade, como nos alerta Chidichimo (2009a: 111): “Assim mesmo, o desaparecimento do termo sentimento no terceiro curso coincide com um ponto de vista diferente sobre o indivíduo – não mais como uma pessoa só, mas já como uma entidade plural”. No terceiro curso, é recorrente a ideia de coletividade, como nos revela a anotação de Constantin (Saussure [1910-1911] 1993: 91): “Tout ce qui est la langue est implicitement collectif”. Outrossim, em uma nota de preparação para o terceiro curso, o próprio Saussure afirma: “La langue réside dans l'âme collective, et ce 2<sup>e</sup> [second] fait rentrera dans la déf. [définition] même. De nouveau pas Parole” (Saussure 1910-1911: 38).

Nesse contexto, a tensão entre a vontade individual do sujeito falante e a ordem própria da língua parece perder força pela ênfase dada à coletividade: a atividade individual do sujeito falante passa a ser relevante para a teoria se este sujeito estiver incluso na massa falante. Encontramos, uma anotação de Constantin, durante o terceiro curso de linguística geral (1910-1911), em que Saussure deixa em posição subsidiária a discussão dos graus de (in)consciência do sujeito no tocante à língua:

On pourrait invoquer ce fait ce l'on n'applique pas la réflexion à la langue <distinction entre consciente et inconscient> et préciser le degré de conscience qui préside en général aux faits de langage. <Ou bien que> la réflexion n'est pas même provoquée en ce sens que d'une manière générale chaque peuple est satisfait de la langue qu'il a reçue. A tout cela, il faut préférer énoncer ce qui est plus topique, <plus direct, qui enveloppe ces circonstances ci-dessus><sup>15</sup> (Saussure [1910-1911] 1993: 95).

Há de se considerar que sempre existirá a atividade do sujeito falante e a própria epistemologia saussuriana reconhece esse fato; como alerta Pétróff (2004: 238), “la volonté des sujets parlants est bien impuissante à changer le cours de choses, mais dans la vision de Saussure, langue reste une affaire humaine, quelque chose qui dépend des individus y compris dans ces interprétations fautives et involontaires”. Assim, porque o sujeito individualmente não tem força para modificar os caminhos da língua ele não ocupa o centro das preocupações da epistemologia saussuriana, o que não significa, entretanto, descartar a existência de sua vontade e os efeitos que esta causa.

### 3. Considerações finais

Por meio das análises implementadas, observamos que Saussure reserva o campo da fala para o sujeito falante e, aparentemente, o retira do foco de observação do linguista, cuja

<sup>15</sup> A referência aqui é à discussão sobre a transmissão da língua, enquanto uma herança, da geração precedente para a atual. Ainda sobre essa nota de Constantin, Arrivé (2010: 186) observa: “Em síntese, o que Saussure nos diz aqui é que quando usamos um elemento da língua, qualquer que seja ele, nós o fazemos sem que dele objeto de uma reflexão consciente: não temos, graças a Deus, necessidade de dar conscientemente atenção à programação da sucessão de sons em nosso discurso. Contudo, basta um esforço, a todo instante, possível para fazer esses fatos emergirem à consciência: é isso que possibilita a atividade metalinguística qualquer que seja seu grau de tecnicidade”.

função é observar a língua. O projeto científico de Saussure tem por objetivo caracterizar a língua e o seu funcionamento, entretanto, como sinaliza Arrivé (2010: 51), excluir o sujeito falante do arcabouço teórico do Saussure é um equívoco comum:<sup>16</sup> “Mas aqui há um erro a evitar. Ele consiste em dizer que Saussure excluiu do campo da linguística tudo o que seja utilização pelo ‘sujeito falante’ do código da língua. Esse erro ocorre frequentemente”.

Certa *doxa* imputava a Saussure a exclusão da figura do sujeito falante da teorização sobre a língua. Entretanto, procuramos demonstrar até aqui que essa leitura da obra de Ferdinand de Saussure não pode ser sustentada, dada importância conceitual que o sujeito falante assume nas articulações do genebrino.

Se, por um lado, é verdade que Saussure privilegiou a análise sistemática da língua e de suas operações, por outro, reconheceu que a vida da linguagem reside na circulação da língua entre o falante individual e a sua comunidade. Diferentemente da posição dessa *doxa*, uma leitura atenta da obra do genebrino aponta para a centralidade da posição do sujeito falante, posição essa que é reconhecida pelos especialistas da obra de Ferdinand de Saussure, como sinaliza D’Ottavi (2010: 71): “La letteratura critica ha acquisito ormai da tempo il ruolo del soggetto parlante come componente inalienabile dalla visione linguistica saussuriana nel suo complesso”.

O sujeito falante, assim como procuramos demonstrar, assume diferentes funções e exerce distintas atividades em sua jornada com a sua língua. Nesse cenário, o sujeito falante, embora esteja submetido às restrições da ordem própria da língua, quer sintáticas, morfológicas, ou quaisquer outras, não se reduz a uma marionete subjugada pela língua: se não são as vontades do homem que caracterizam o sujeito falante saussuriano, Saussure não nega que existe espaço, mesmo que restrito, para a volição. As combinações que integram os sintagmas não são feitas por sujeitos que somente reproduzem frases feitas, pois a potencialidade do tesouro da língua também está relacionada às inúmeras combinações possíveis entre as unidades e essas combinações são marcadas pela vontade do sujeito falante – há também de se considerar a volição quanto à execução da língua, o “jogo dos órgãos”, como mencionou Saussure.

Portanto, como observamos ao longo deste trabalho, o sujeito falante saussuriano não compareceu nas articulações saussurianas enquanto meramente um conceito a ser ampla e rapidamente descartado, pelo contrário, ele foi convocado por Saussure em momentos cruciais de suas formulações sobre a língua. Com efeito, não é surpreendente que, de algum modo, o conceito de sujeito falante tenha sobrevivido e acompanhado os desdobramentos do pensamento do genebrino ao longo do tempo: não há língua sem falante, portanto, a todo o momento, a epistemologia saussuriana se viu confrontada por uma subjetividade que se faz presente tanto quando em questão o ato como o fato linguístico.

### Referências bibliográficas:

- Amacker, Réne. 1994. “La théorie linguistique de Saussure et la Psychologie”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 48. 3-13.
- Arrivé, Michel. 2010. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial.

<sup>16</sup> Arrivé (2010:51) aponta, como exemplo dessa espécie de equívoco, o trabalho de Cervoni (1987), a saber: “Citarei aqui apenas um: ‘A resposta de Saussure [...] era que a linguística devia se restringir ao estudo da língua em si mesma e por si mesma’ (Cervoni 1987: 9; encontramos outro exemplo da mesma atitude no capítulo IV. E existem dezenas e dezenas de exemplos do mesmo teor)”. E, na sequência, acrescenta Arrivé: “Essa posição é absolutamente refutada pelo *CLG*. O texto não desdiz a hierarquia estabelecida entre língua e fala. Ela é fortemente reafirmada. Uma forte reafirmação sem dúvida excessiva, pelo menos quando comparada a posições mais frequentemente defendidas por Saussure”.

- Chidichimo, Alessandro. 2009a. “Saussure e o sentimento: a forma do sentido linguístico”. *Revista RUA* 15: 1. 108-122. Disponible en Internet: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/pdf/15-1/8-15-1.pdf>. [Acesso em : 29 maio 2016.]
- Chidichimo, Alessandro. 2009b. “Les premières leçons de Saussure a Genève, 1891: textes, témoins, manuscrits”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62. 257-276.
- D’Ottavi, Giuseppe. 2010. “Ferdinand de Saussure et Monsieur B”. *Bollettino di Italianistica* VII: 1. 71-91.
- Engler, Rudolf. 1975. “European structuralism: Saussure”. *Current Trends in Linguistics (Historiography of Linguistics)* 13. 830-886.
- Godel, Robert. 1969. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Librairie Droz
- Marchese, Maria Pia. 2009. “Observations sur les critères d’édition des manuscrits de F. de Saussure”. Communication faite au séminaire international Pour une édition numérique des textes de Ferdinand de Saussure, Università della Calabria (Itália), 1-3 Octobre 2009. Disponible en Internet: <http://www.cerclefds.unical.it/seminaire/download/marchese.pdf>.
- Marrone, Caterina. 2002. “« Naturel » versus « Historique » dans le *Cours de Linguistique Générale* de Saussure”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 55. 229-239.
- Parret, Herman. 1995-1996. “Réflexions saussuriennes sur le temps et le moi”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 49. 85-119.
- Parret, Herman. 2003. “Métaphysique saussurienne de la voix et de l’oreille dans les manuscrits de Genève et de Harvard”. *L’Herne Saussure*. 62-78.
- Parret, Herman. 2011. “Le fondement impensable de la théorie linguistique saussurienne”. *Nouveaux Actes Sémiotiques – Recherches sémiotiques* [en ligne]. 1-9. Disponible en Internet: <http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=3933>.
- Pétrouff, André-Jean. 2004. *Saussure: la langue, l’ordre et le désordre*. Limoges: L’Harmattan.
- Puech, Christian & Anne Radzynski. 1988. “Fait social et fait linguistique: A. Meillet et F. de Saussure”. *Histoire Épistémologie Langage* 10: 2. 75-84.
- Saussure, Ferdinand de. 1891a. “Trois premières conférences à l’Université (novembre 1891)”. *Papiers Ferdinand de Saussure*, Ms. fr. 3951-1, Bibliothèque de Genève. Manuscritos selecionados e reproduzidos pela Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, durante sua estadia em Genebra, de 13 a 24 de junho de 1999, com o apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-UNICAMP).
- Saussure, Ferdinand de. 1891b. “De l’essence double du langage”. Les manuscrits, Archives de Saussure, AdS 372-I, Bibliothèque de Genève. Cópia do manuscrito adquirida pela Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, em outubro de 2012, da Biblioteca Pública de Genebra.
- Saussure, Ferdinand de. 1908-1909?. “Notes pour le 2<sup>e</sup> cours de linguistique générale - Les langues celtiques”. *Papiers Ferdinand de Saussure*, Ms. Fr. 3951-22, Bibliothèque de Genève. Manuscritos selecionados e reproduzidos pela Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, durante sua estadia em Genebra, de 13 a 24 de junho de 1999, com o apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-UNICAMP).
- Saussure, Ferdinand de. 1910-1911. “Notes pour le 3<sup>e</sup> cours de linguistique générale”. *Papiers Ferdinand de Saussure*, Ms. Fr. 3951-23, Bibliothèque de Genève. Manuscritos selecionados e reproduzidos pela Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, durante sua estadia em Genebra, de 13 a 24 de junho de 1999, com o apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-UNICAMP).
- Saussure, Ferdinand de. [1967] 1972. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Éditions Payot.

- Saussure, Ferdinand de. [1968] 1989. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler, tome 1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- Saussure, Ferdinand de. [1974] 1990. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler, tome 2. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- Saussure, Ferdinand de. [1910-1911] 1993. *Troisième cours de linguistique générale (1910-1911) d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911) from the notebooks of Emile Constantin*, ed. por Eisuke Komatsu y Roy Harris. Oxford: Pergamon Press.
- Saussure, Ferdinand de. 2004. *Escritos de Linguística Geral*. Edição organizada e editada por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix.
- Silveira, Eliane Mara. 2003. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Instituto de Estudos da Linguagem: Universidade Estadual de Campinas; tese de doutorado.
- Silveira, Eliane Mara. 2011. "Uma leitura preliminar de dois manuscritos de Ferdinand de Saussure: 'Conférences à l'Université' e 'L'essence double du langage'". Anais do SILEL 2: 2. 1-16. Disponible en Internet: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2553.pdf>. [Acesso em : 29 maio 2016.]